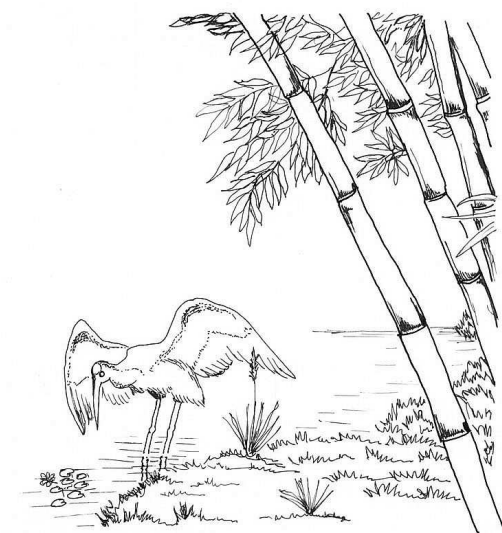


# *Outras Poesias*



Amor

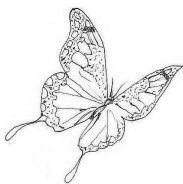
*Não se mede o amor pela loucura  
Ou pela ânsia de matar desejos,  
Pois que, nem sempre, um turbilhão de beijos  
Encerra em si um pouco de ternura...*



*Janeiro de 1964.*

## **Paz**

*Nem prantos, nem velas, coroas ou preces...  
Nem tumba de luxo, de laje marmórea...  
Nem anjos bonitos, de asas abertas...  
Nem cruz prateada, capela privada...  
Apenas desejo uma cova bem rasa  
Meu nome gravado na cruz de madeira...  
As lágrimas puras dos que me amaram...  
A paz, o silêncio, que tanto eu amei!...*

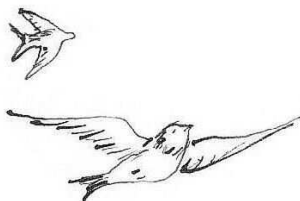


*Setembro de 1962.*

## **Contraste**

*Eu me imagino, assim, como um velhinho,  
Um velho triste que, jamais, se cansa  
De recordar seu tempo de criança,  
Ao ver brincar, alegre seu netinho.*

*É que eu conheço a força que contrasta  
O alvorecer, o despontar da aurora,  
Com esse tom crepuscular que chora  
O triste fim da tarde que se arrasta!...*



*Abril de 1964.*

## ***Chuva pesada...***

*A chuva caiu pesadamente...  
O longínquo planger do sino da igreja  
Foi sumindo, sumindo,  
Ante a chuva pesada, caindo, caindo...  
O barulho do bonde sobre os trilhos,  
O roncar dos carros na Barão de Itapura...  
Tudo foi sumindo, sumindo,  
Ante a chuva pesada, caindo, caindo...  
A chuva pesada dominava tudo,  
Caindo no telhado, rolando nas calçadas,  
Indo formar, além, as enxurradas,  
Correndo para o esgoto, a engrossar os rios...  
Chuva pesada que tudo domina,  
Por quê não cala a dor que me alucina?  
O estado febril que me calcina!  
O desespero que meu ser fulmina?...*



*Junho de 1961.*

## **Viver**

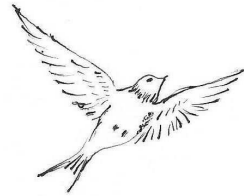
*Viver não é chorar, não é sofrer...  
Tampouco é lutar para morrer...  
Como dissera, alhures, o poeta  
De coração quente e alma inquieta!...*

*Viver, é algo mais, é algo mais profundo,  
O mais belo, o mais rico bem do mundo...  
É tudo amar pra tudo compreender.  
Viver é emoção, é sonho, é prazer...*

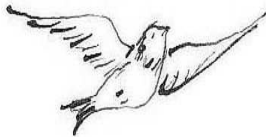
*Viver é amar, de fato, o semelhante...  
Amar o céu, o vasto céu, distante...  
É divisar, além, os horizontes...  
É amar as serras, é amar os montes...*

*É amar a lua, o brilho duma estrela...  
E elevar-se pra de perto vê-la...  
Viver é amar a luz do sol radiante,  
Saudades ter de quem ficou distante,*

*Perdido, além na curva do caminho.  
É amar as rosas, é amar o espinho...  
É amar os rios, é amar os campos!...  
É ver brilhar na mata os pirilampos...*



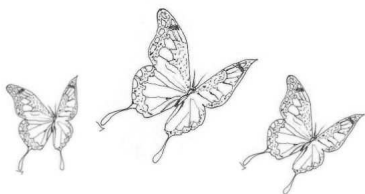
*Viver é amar as ruínas, as taperas,  
Palco feliz, de amor, em outras eras...  
Viver é amar os sonhos e quimeras,  
O rude inverno, as lindas primaveras!...*



*Janeiro de 1963.*

## **Morrer**

*Morrer, enquanto estua em minha artéria o sangue...  
Enquanto sou desejo... Enquanto sou vontade...  
Enquanto a vida não me fez triste e covarde,  
Nem meu olhar tornou inexpressivo e lague...  
Enquanto os meios busco p'ra alcançar um fim...  
Enquanto tenho fé e não me falta o riso...  
Enquanto, confiante, no terreno piso,  
E, firme, não vacilo e sou senhor de mim...*



*Janeiro de 1966.*





## ***Vira-latas***

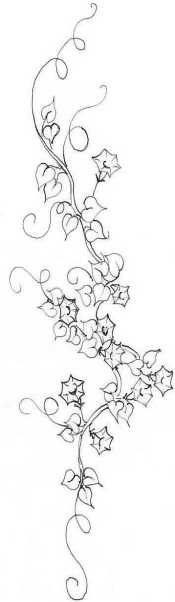
*Não queiras mal ao pobre “vira-latas”  
Que perambula, ao léu, pela cidade,  
Desconhecendo a solidariedade,  
Que tanto pregas e com ela faltas.*

*Nasceu na lama, ao lado do monturo,  
Qual verme vil que a podridão encerra,  
Desconhecendo todo bem da terra,  
Viu refletir no lodo seu futuro.*

*Desesperado, procurou guarida...  
Escravizar-se a um dono ele queria,  
Mas, todos lhe negavam, com ironia,  
Um pouco de calor e de comida...*

*Só lhe restava, então, sair andando,  
Expor-se ao sol à chuva, à tempestade...  
A vida enfrentar com humildade  
E com migalha a fome ir matando...*

*Não queiras mal, amigo, ao pobre cão,  
Ao “vira-latas” que a miúde vês,  
Ele seria bem feliz, talvez,  
Se alguém lhe abrisse a porta e o coração...*



*Maio de 1962.*

## **Súplica**

*Senhor! Pedir-vos nestes versos venho,  
(Embora estranho o fato vos pareça)  
Pedir-vos, sim, Senhor, com muito empenho,  
Não permitais, Senhor, que eu envelheça...*

*Não que a velhice em si me apavora...  
Pensar que a menosprezo é uma tolice,  
Pois, que meu bem maior há muito mora  
No lar sereno e calmo da velhice...*

*O que não quero, Senhor, e o detesto,  
É ir morrendo, assim, devagarinho...  
É consciência ter do manifesto  
E iniludível fim do meu caminho!...*

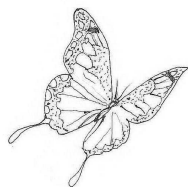
*Tombar prefiro em meio à caminhada,  
Cair de- braços sobre a terra quente,  
Em pleno dia ou tarde ensolarada...  
Nunca, Senhor, na ora do poente.*

*Morrer prefiro em plena primavera,  
(Antes que venha, pois, o inverno rude)  
A sobraçar os versos que eu fizera,  
Sonhando aqueles que compor não pude...*



*Fevereiro de 1962.*

## **Convite à meditação**



*Vamos, amigo... Hoje é Domingo...  
O dia está tão lindo!  
O vento sopra de mansinho e o céu azul  
No descampado é mais bonito e muito mais azul!*

*Os horizontes lá, são dilatados!...  
Rios coleiam pelos verdes prados,  
Beijando o capinzal, as lindas flores,  
Que por eles suspiram até morrer de amores..*

*À sombra do arvoredado, olhando o rio!...  
Num dia claro assim, nesta manhã de estio,  
Pensando em seu destino errante, fugidio...  
Noss'alma fugirá por nosso olhar vazio...*

*E, qual o rio, solitariamente,  
Solta dos elos da cruel corrente,  
Sem peias vagará, tal como a brisa,  
Que não se prende nunca ou se escraviza...*

*Os nossos corpos ficarão prostrados,  
Como pedras ou troncos derrubados,  
Sem desejo nenhum e sem poder sonhar...  
(Pedra não sonha e nunca pode amar)*

*E, então, da solidão fria dos ermos,  
Tranquilidade e paz brotar veremos!...  
Estranha sensação, desejo ardente  
De ser fraterno e bom, condescendente,*

*Mesmo sabendo que a maldade impera  
No coração do homem, feito fera!  
(Pior que fera que na gruta mora):  
Pensa e calcula; mata e não devora...*

*Quando, amanhã, cansado da jornada,  
Vires o dia brincando na calçada!...  
Trepando nas palmeiras e nos montes!  
De azul pintando o céu e os horizontes!...*

*Um mundo novo sentirás, amigo,  
Brilhando nos teus olhos, incontido  
Nos estreitos limites de uma vida  
Insensível, banal e introvertida...*



*E então verás, desassombrado e inquieto,  
O quanto o mundo é belo e o “Arquiteto”,  
Inigualável e inatingível esteta,  
Artista! Construtor! Deus e poeta!*

*Uma janela se abre em cada canto!  
No espaço sideral pintou o manto  
Azul do céu e pôs no céu a lua,  
A estrela e o sol a iluminar a rua,*



*Caminhos, matas, campos e montes,  
Distâncias que se perdem em horizontes  
Sem fim, azuis, além dos quais, suponho,  
Se escondam as ilusões, os lindos sonhos*

*Que fugiram do mundo, inatingíveis,  
Porque irrealizáveis e impossíveis...  
E, amanhã, quanto tirares o olhar do asfalto  
E olhares para o céu, olhares para o alto,*

*Um mundo novo sentirás em ti!  
Estranhas emoções! Delírio e frenesi!  
Vontade de gritar, escancarando a janela:  
Homens! Amai, que a vida é boa e é bela!...*

*Vamos, amigo... Hoje é Domingo...  
O dia está tão lindo!...*



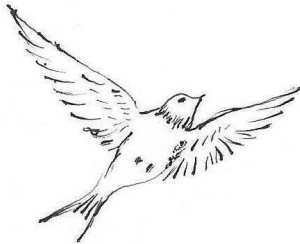
*Agosto de 1964.*

## Rio “Ceroula”



*Não notaste minha ausência...É certo.  
Possuís o condão de apenas existir,  
Deixando para mim a vida,  
A capacidade de sofrer e de sentir...  
De sonhar e de amargar esta saudade imensa  
Que mora no meu peito, onde encontrou guarida...  
Hoje, distante, mil carícias sinto da gostosa aragem  
Que sopra, mansamente, neste dia!...  
Que vem de ti, talvez... E, que roçou, talvez,  
As grimpas de tuas árvores frondosas e chega a mim...  
E, volto para trás o meu olhar vazio,  
Perdido na distância dos horizontes sem fim...  
Cortando os ares, elegantemente, as andorinhas vejo.  
E, como invejo seu destino livre e tenho até desejo  
De voar por esse mundo sem fim! Ah! Se eu pudesse!...  
Em meu jardim esvoaçante, lindo colibri  
Em vibração constante, diabruras tece,  
O néctar mendigando de umas poucas rosas,  
Fazendo-me lembrar dos que, às margens tuas,  
Longe dos pobres colibris das ruas,  
Embragados vivem dos sutis perfumes,  
Dos néctares que jorram em singular volume,  
De um mundo em floração e frenesi!...  
E, dentro em mim, uma saudade cresce,  
Num misto de carinho e duma prece  
Me leva junto a ti.*

*E, à sombra do arvoredor acolhedor, descanso,  
Enquanto a passarada trina e a juriti  
O companheiro chama, delicado e manso...  
Respiro, então, o ar cheiroso e fresco  
Que de ti desprende!...  
Que instila no meu ser, tranqüilidade e paz  
Ternura e tudo mais que o mundo não compreende...  
Contemplo, pequenino e só tua grandeza,  
E a de tudo que te envolve e abraça...  
E, como é bom sentir-se a gente pequenina e lassa  
No seio virginal da natureza...  
Os teus contornos caprichosos fito!...  
E, enquanto rolas, coleante e manso,  
Buscando o mar distante... O infinito...  
No chão eu fico e nem um passo avanço.  
Segue a cumprir o teu destino errante...  
Deixando, aqui distante, ao sedentário,  
Ao pobre sonhador, ao visionário,  
Esta saudade quente e apaixonante!..*



*Janeiro de 1966.*

## ***Bucolismo***

*Nos pobres versos que, feliz, componho,  
Eu cantarei, confesso, a vida inteira,  
A natureza, minha mãe primeira,  
Feita de tons, de meio- tons, de sonho!...*

*Não pode haver, p'ra mim, versos sem sol,  
Sem mar, sem luz, sem pássaros, sem brisa,  
Sem flor desabrochando no arrebol,  
Sem o cair da tarde que agoniza...*



*Janeiro de 1962.*





## ***Aquela árvore***

*Ontem, desnuda! Ramos ressequidos!  
Dedos crispados, para o alto erguidos  
A implorar ao vasto céu, clemência.  
Não tinhas flores, frutos, sombra, nada...  
E as folhas tuas, secas, na calçada  
Rolando iam, ao léu, em turbulência...*

*Era o inverno cruel! O vento frio!  
A terra seca! O céu azul, de estio,  
Minando a resistência da coitada...  
E os homens que buscavam tua fronde?  
Que é feito deles? Onde, então, se esconde  
O incauto colibri? E a passarada?*

*Onde estará a construir seu ninho?  
Onde pipila de manhã, cedinho?  
Ou, quando a tarde, sonolenta, passa?  
Tudo se foi e em seu lugar situa  
A triste solidão gelada e nua,  
Que o vento frio, a sibilar, abraça...*

*Hoje, porém, a primavera torna.  
Sopra do norte a brisa olente e morna  
E a chuva já caiu, molhando a terra.  
E as folhas vão surgindo, acetinadas,  
Bandeiras da esperança, desfraldadas,  
À triste solidão fazendo guerra.*

*As flores surgirão... Frescos, maduros,  
Ofertarás os frutos teus, tão puros,  
Aos que te abandonaram certo dia...  
E tudo há de tornar-se como outrora.  
A solidão fraqueja, vai se embora,  
Surgindo em seu lugar paz e alegria.*

*Quando, amanhã, voltar o inverno rude  
Que o teu destino, fatalmente, mude,  
Essa alegria não terás, jamais...  
Conheço, bem de perto, essas mudanças...  
Não há entre nós dois dessemelhanças...  
Nossos destinos não são desiguais...*

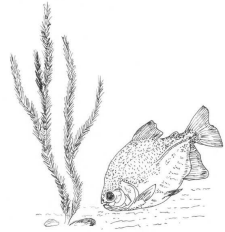


Maio de 1961.

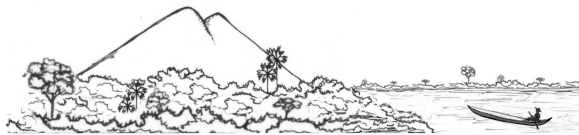
## **Revendo o Torrão Natal**

*Homenagem à Cuiabá*

*Para rever-te aqui me encontro agora,  
Sedento por pisar os teus caminhos,  
Aqueles mesmos que eu trilhei outrora,  
Calcando flores, sem sentir espinhos...  
É o mesmo o céu, o mesmo é o lindo rio,  
A mesma gente hospitaleira e amiga,  
O mesmo bosque secular, sombrio,  
A mesma igreja branca e tão antiga...  
Contudo, já não é a mesma a rua,  
A mesma casa onde me vi criança,  
Pois, a modéstia para além recua,  
Quando o progresso, intemerato, avança...  
Estás mais linda e graciosa agora!...  
As centenárias casas vão sumindo  
E em seu lugar, onde o passado chora,  
Arranha-céus, enormes, vão subindo!...  
Tu és feliz, cidade dos meus sonhos...  
Os anos para ti trazem mais vida,  
mais esplendor e dias mais risonhos,  
Tornando-te mais moça e mais querida...  
Em mim grisalhos os cabelos tornam,  
Vincos profundos em meu rosto rasgam...  
Manhãs em noite escura eles transformam*



*E a chama da esperança em mim apagam...  
Em mim o sêmen da amargura lançam,  
Destroem sonhos, ilusões sufocam,  
Sorrisos no meu triste rosto estancam  
E a derrocada no meu ser provocam...  
O meu viver são sombras que se agitam...  
São ecos que se perdem... São dispersos  
Sonhos... Saudades que bailando ficam,  
Vestindo a fantasia dos meus versos.*



*Junho de 1961.*



## ***A morte de um pardal***

*Pobre pardal! Lamento a tua sorte.  
Em plena rua da cidade grande,  
Em meio ao frenesi que lá se expande  
Foste encontrar (com que rudeza) a morte!*

*Lutavas, como os outros, pela vida...  
Talvez, num ninho, além, os teus filhinhos,  
Agora abandonados e sozinhos,  
À míngua morrerão sem ter guarida.*

*O carro veio... Tão veloz corria!  
Que o pobrezinho, saltitante e aflito,  
Nem se lembrou voar para o infinito,  
Por isso, massacrado, sucumbia!...*

*E, aquele que, momentos antes, era  
Um irrequieto e frívolo pardal,  
Saltando no jardim e no quintal,  
Jamais nascer veria a primavera...*

*Jamais no ramo pousaria, ao vento...  
Nem comeria alface nos canteiros,  
Ou saltitar iria nos terreiros,  
Buscando aqui e ali o seu sustento.*

*No asfalto negro, empoeirado e quente,  
Ante a frieza e estupidez humanas,  
Esmigalhado por mãos vis, tiranas,  
Jazia o pobrezinho, o inocente...*



*Pobre pardal! Estranhamente finas!  
Morrer assim, cruel e horrivelmente!  
Tu que podias fazer, tranqüilamente,  
Na relva acetinada das campinas,*

*Beijado à luz do sol radiante e quente,  
Tendo por círios o palor da lua...  
Da estrela d'Alva o brilho...Limpa e nua,  
Do pirilampo a luz fosforescente.*

*Por manto, o azul do céu limpo e sereno  
E, como unção, o orvalho feito pranto  
Chorado pela noite fria, enquanto  
Soprando iria o vento fresco e ameno...*

*Tu, que nasceste p'ra beber nas fontes...  
Comer o fruto sazonado e puro,  
Num mundo livre, muito mais seguro,  
Deixar quiseste os largos horizontes,*

*Para às campinas, não voltar, jamais,  
Vivendo de migalhas indigente,  
Água bebendo poluída e quente,  
Rolando da sarjeta e dos quintais...*

*Ninguém compreenderá teu grande drama.  
Tampouco, entenderá por que motivo  
Deixaste um mundo livre, um mundo altivo,  
Para descer e chafurdar na lama!*



*Janeiro de 1963.*

## ***Decepção esportiva***

*Subida inesperada das águas!  
Inexistência de ponte, de barcos...  
Travessia a nado, difícil, penosa!  
Estrada alagada... atoleiros...  
Lama nas roupas, pés descalços,  
Cansaço, suor, subida de serra,  
Samburá vazio... Sorriso forçado nos lábios...  
Decepção estampada na face,  
Ante a expectativa dos que não foram...  
Eis tudo o que resta de tantos planos,  
De tantas emoções... De tantos sonhos  
E dessa esperança viva, e imorredoura,  
Que todo pescador acalenta  
No fundo do coração!...*



*Março de 1962.*



## **Receio**

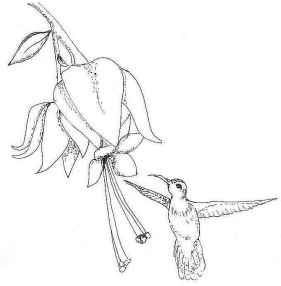
*Tenho receio de sonhar demais,  
De construir castelos sobre areia,  
Expostos, fragilmente, aos vendavais,  
À tempestade que o terror semeia.*

*Melhor é não sonhar, não construir,  
Pra não sentir-se a queda singular  
De todo um monumento a se ruir  
Por sobre a areia quente do pensar...*

*É triste os próprios sonhos sepultar  
E esboroados seus castelos ver...  
É bem melhor viver e não sonhar...  
É bem melhor, sem ilusões, morrer...*



*Agosto de 1962.*



## **Mudar**

*Sei que mudei, querida. Mudei sim! E quanto!...  
Tanto mudei! Tão grande foi a mutação  
Dentro de mim, que à triste alma e ao coração  
Frio e tristonho indago a sufocar um pranto:*

*Por que mudei assim? Por que tanta mudança?!  
Se ao menos no meu ser eu conservasse agora  
Um pouco da pureza que eu já tive outrora,  
Quando um botão em flor eu era, uma criança...*

*Uma promessa linda, um renovado sonho,  
Que a vida estrangulou com sua garra adunca,  
Mas, que eu venero sempre e não esqueço nunca,  
Cantando, a soluçar, nos versos que componho...*

*Mudei! Sei que mudei e que mudei demais!  
Pois que não trago em mim a flama e aquele ardor  
Do moço que já fui, sonhando aquele amor  
Que queima como o sol dos dias tropicais...*

*Mudei, pois que mudar é lei universal  
Da qual jamais fugimos, minha doce amada.  
Acaso o anoitecer se iguala à madrugada?  
A primavera ao inverno te parece igual?*

*É certo que mudei! Que importa a mutação  
Quando se mudam juntos, como nós mudamos.  
Eu tinha vinte anos quando nos casamos,  
Quando, a sorrir, depus minh'alma e o coração.*

*Aos pés de quem seria aos dezessete anos  
Meu lindo céu azul! Meu madrugalar na serra!  
Raio de luz brilhante que tranqüilo erra  
No chão do meu viver, sem charcos nem pantanos\**

*É certo que mudei! Que tu mudaste, é certo!  
Não sei se vale a pena nós pensarmos nisso,  
Se inalterado temos nosso compromisso,  
Se muito já passou e o fim sentimos perto.*



*Melhor é não olharmos para as cicatrizes  
Que a vida nos deixou, alheia à nossa dor...  
Melhor e cultivar, carregar num andor,  
Como se fora um Deus nossas horas felizes...*

*Junho de 1967.*

---

\* Forma originária de pântano.

## ***Em torno de um soneto***

*Ao primo Darcy pelo estímulo que me tem  
proporcionado*

*Inteligente sois e beletrista!...  
Das letras pátrias, verdadeiro esteta,  
Sois locutor e exímio jornalista,  
E agora sei que sois, também, poeta.*

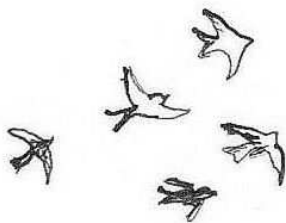
*O mesmo sangue em nossas veias corre.  
Há em nós dois os mesmos sentimentos.  
A mesma inspiração a nós ocorre,  
Unindo corações e pensamentos...*

*É que nascestes em Porto Murtinho,  
Em meio ao pipilar do passaredo...  
A mata, o céu, o rio bem pertinho,  
Inspiração vos deram ainda cedo...*



*É que eu nasci além de Cuiabá,  
Numa fazenda, em rancho de sapé,  
Onde, cedinho, vinha o sabiá  
Com seu gorjeio pra me por de pé.*

*Havia lá, também, um ribeirão,  
A mata virgem por detrás do monte,  
O campo aberto, a lua na amplidão,  
Meu triste olhar, perdido no horizonte!...*



*Novembro de 1961.*



## **Campo Grande**

*Querida e hospitaleira Campo Grande!  
Cidade dos meus sonhos e quimeras!  
Enquanto o tempo tece as primaveras,  
Tua grandeza mais e mais se expande...*

*Teu povo traz na veia o sangue ardente  
E na garganta a sede do progresso...  
Por isso em Mato Grosso tens acesso  
À posição de líder permanente.*

*És a maior cidade centro – oeste,  
A mais crescente e de maior futuro,  
Teu caminhar é firme e é seguro  
Pelo que fazes, pelo que fizeste!*

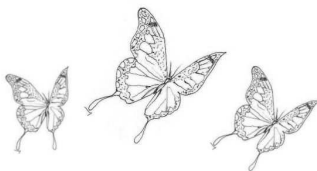
*Teu solo rico ao povo dá sustento.  
Gado vacuum nos campos teus impera,  
E, enquanto do Mimoso a luz se espera,  
A indústria vibra e ganha novo alento.*

*Vejo – te grande! Bem maior te sonho.  
Serás o leme. Indicarás o norte  
A um Mato Grosso mais unido e forte,  
Em busca de um futuro mais risonho...*

*Para acolher, porém tanta grandeza!  
Tanto progresso! Tanta luta ingente,  
Não ficaria Deus indiferente  
Nem negaria a ti paz e beleza*

*Daí, teu céu azul, limpo e sereno,  
Brilhando à luz do sol radiante e quente!  
E, quando o dia cai no seu poente  
E o sino tange, plácido e ameno,*

*Desponta a lua e a natureza invade,  
Estimulando amor, gerando sonho!  
E me inspirando os versos que componho,  
No pedestal sublime da saudade...*

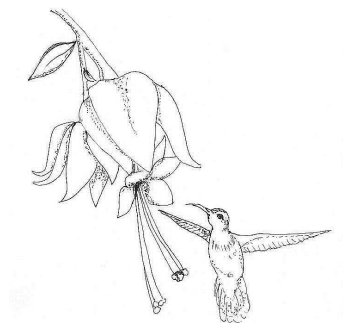


*Maio de 1961.*

## ***Crepúsculo brasiliense***

*Cá, no planalto, quando a noite desce  
E a tarde merencória desfalece,  
O céu festivo e engalanado torna!  
Raios de sol debruçam na colina  
E, lassos, dobram do horizonte a esquina,  
Levando a tarde sonolenta e morna...*

*E, enquanto a noite chega, o sol carrega  
O dia nos seus braços, sem refrega,  
E o céu rosado deixa, num afago!  
Estrelas tremem, pálidas, no céu!  
Veste a colina seu mais lindo véu,  
Para se olhar no espelho azul do lago!...*



*Janeiro de 1966.*





## ***Estranha mutação***

*Estranha mutação a morte encerra!  
No peito aquieta o coração candente!  
E a alma arranca, assim, abruptamente,  
Ao corpo que, afinal, rola por terra.*

*Estranha mutação! Vem inspirar-me.  
Vem reunir nestes meus pobres versos  
Os pensamentos meus, os mais dispersos,  
Como a envolver-me agora e abraçar-me...*

*Quero sentir a rigidez do morto!  
A morbidez dos contristados olhos!  
Quimeras, sonhos e, também, abrolhos,  
Desfeitos, mortos, como o frio corpo...*

*Sentir nos lábios escaldantes beijos;  
Queimando as faces lágrimas sentidas,  
Do fundo d'alma, em borbotões caídas  
Sobre o insensível ser, já sem desejos...*

*Depois, a caminhada à sepultura!  
Corpo indefeso, misturado à terra!  
O verme ao verme declarando guerra,  
Numa batalha que bem pouco dura...*

*Logo virá a podridão, o lodo!  
Depois, o pó ao pó irá se unindo,  
E a natureza, assim, irá cumprindo  
O seu papel, sincronizando o todo...*

*Quero sentir minh'alma desprendida,  
Sem peias, a voar pelo infinito,  
Sulcando o azul do céu, amplo e bonito,  
Longe dos elos da terrena vida...*



*E penetrar assim, o imponderável!  
O abismo fundo que nos mete medo!  
Da humanidade seu maior segredo!  
Segredo milenar, impenetrável!...*

*Segredo donde nasce esse respeito  
Que todo morto a nosso ser infunde!  
Respeito, medo, tudo se confunde,  
Enquanto o coração bate no peito!...*

*Como a lembrar-nos que somos mortais  
E que algum dia velarão por nós,  
Esposa, filhos, pais, irmãos, avós...  
E o coração não pulsará, jamais!...*

*Estranha mutação! Como és cruel!  
Embora estanques mil padecimentos,  
Quem não quisera, mesmo em sofrimentos,  
Seguir solvendo desse amado fel?!...*



*Janeiro de 1962.*

## ***Chegar ao fim...***



*Chegar ao fim, como eu estou chegando!  
Sem nada a envergonhar-me ou a temer,  
De frente erguida para o alto olhando,  
Por ter cumprido, à risca, o meu dever.*

*Chegar ao fim, como eu estou chegando!  
Sem ambições, invejas ou rancor,  
Com o pouco que tenho me fartando  
E tendo n'alma um forte e grande amor!*

*Estranho é, pois, num mundo singular,  
Feito de ódios, fome e podridão  
Que alguém se erga pra de amor falar!  
Quando matar é o lema, é o refrão!*

*De amor falar!... Amor grande demais  
Para entendido ser num mundo louco,  
Que, apenas, soma; dividir, jamais,  
Que muito quer, sem contentar com pouco.*

*Despreocupado amor, simples, maduro,  
Alheio a convenções e preconceitos,  
A exibições hipócritas... Seguro  
E firme amor, de mil amores feito.*

*Amor que se espalhou e que se deu,  
Que é riso e é pranto e é emoção também,  
Que do humano calor sempre viveu,  
Sem odiar ou desprezar ninguém.*

*Altivo é esse amor. Quando ofendido  
Ou quando sofre humilhações soezes,  
Quando ferido é e incompreendido,  
Revida, fere, agride e foge, às vezes,*



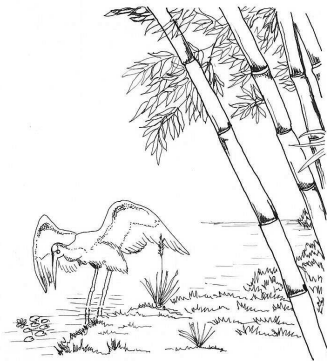
*Para buscar o olor dos verdes campos!  
As distâncias, sem fim , dos horizontes!  
O ziguezaguear dos pirilampos,  
Quando a tarde descamba Trás-os-Montes!*

*Oh! horizontes azuis! Serras e montes!  
Oh! ribeirões! Oh! rios e campinas!  
Matas e bosques! Planícies e fontes!  
Estrelas, céus, luares e colinas!*

*Às vezes penso que melhor seria  
Jamais os ter amado tanto assim!  
Talvez o mundo me compreenderia  
E a dor jamais se instalaria em mim*

*Não pode o amor que sobrevoa cimos  
Mares e lagos, campos e cerrados,  
Se agrilhoar a rudes possessismos,  
Nem a caprichos ser subjugado.*

*Então, pergunto eu: Como calar?  
Ou como sufocar esse bramido?  
Sem esmagar meu ser? Me apequenar?  
Sem me tornar hipócrita, fingido?*



*Janeiro de 1961.*

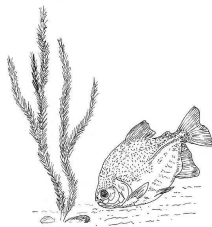
## **Rio Cuiabá**

### **canção**

*Desce, rio Cuiabá,  
Desce, rio Cuiabá...*

*É canoa descendo,  
É canoa subindo,  
Levando ou trazendo  
O seu pescador...*

*É o anzol temperado,  
A tarrafa, o arpão,  
O jacá transbordado  
E o dinheiro na mão,  
É o homem feliz  
Senhor de seu chão...*

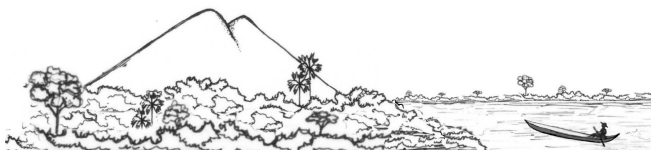


*Desce, rio Cuiabá,  
Desce, rio Cuiabá...*

*Mas um dia, afinal,  
O progresso chegou  
E, entre o bem e o mal,  
Lindo rio matou...*

*Já não há pescador,  
Pois que peixe não há!...  
Há um rio a rolar,  
Espumando de dor,  
Saudade a levar  
De seu ex-pescador*

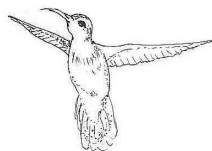
*Desce, rio Cuiabá,  
Desce, rio Cuiabá...*



*Setembro de 1984.*



## **China**



*Já que nenhum poeta desta casa  
Tanger a lira quis em teu louvor,  
Venho fazê-lo com o peito em dor,  
Numa saudade que me punge e abrasa...*

*Saudade do meu cão, do meu “Perigo”,  
Ressuscitado um dia em minha pena,  
Quando passada era uma dezena  
De longos anos que se fora o amigo...*

*Por isso, agora, que te vejo viva  
Viva e peralta, inteligente e amiga...  
Alegre como o sol que doira a espiga,  
Como a tigresa, destemida e altiva...*

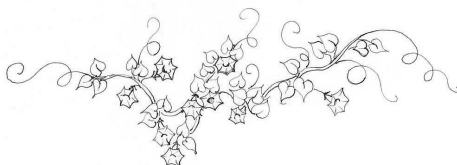
*Agora, que ainda és uma alvorada...  
Que és graça, singeleza... Que és carícias  
Ocultas, sorradeiras, nas delícias  
Dessa pelúcia negra e acetinada!...*

*Venho cantar-te nestes pobres versos,  
Enquanto vais correndo o apartamento,  
Rosnando contra a chuva ou contra o vento,  
Ou contra os barulhinhos mais diversos*

*Enquanto és viva e caminhar procuras  
No mundo dos caninos, qual rainha,  
Cercada de atenções e de ternuras...  
(Aqui, ninguém te odeia ou te espezinha)*

*Lá fora, os outros cães, escorraçados  
Vivem. Sem teto... À chuva... Sem comida...  
Sem dono... À mingua vão levando a vida,  
Famintos se arrastando, amargurados...*

*Por isso, “CHINA”, és desta casa, prata.  
Tu és da tua espécie uma princesa.  
Corre em teu sangue azul a realeza  
Do “pequinês” altivo e aristocrata...*



*Janeiro de 1963.*

## **Turbilhão de sonhos**

*A vida é, sempre, um turbilhão de sonhos,  
(Um mundo de ilusões que em nós flutua)  
Sonhos que tombam, hirtos, nos medonhos  
Murais da realidade fria e nua...*

*Sonha a criança com o calor materno,  
Com a tepidez do seio que a alimenta...  
Um dia se desmama e o sonho terno  
Sufoca e mata... Outro sonho ostenta.*

*Crescido está. Agora quer brinquedos...  
Correr com a meninada... Dar peladas...  
Tregar, ansiosamente, os arvoredos...  
Jogar bola de gude nas calçadas...*



*Um dia, cresce mais. É adolescente.  
Sonhos de amor em si formam cascata...  
Esquece os seus brinquedos, friamente,  
E os sonhos lindos, rudemente, mata...*

*Agora é a mocidade, é o tumulto...  
O fogo das paixões... Lindas quimeras...  
O amor no coração tomando vulto  
E, apenas, conhecendo primaveras...*

*Eis, afinal, realizado o amor.  
Aquilo que passou, passou. É certo.  
Os ímpetos sufoca, com valor.  
Seu lar é um novo sonho, um céu aberto...*

*Os filhos vão chegando... É iniludível.  
Alegram já, seu doce lar querido!  
Deseja protegê-los, convencido  
Que, apenas, o saber é indestrutível*



*E, sonha vê-los do porvir, seguros.  
Escolas não lhes faltam, certamente,  
E os sonhos seus, tão cristalinos! Puros!  
Realidades tornam, felizmente.*

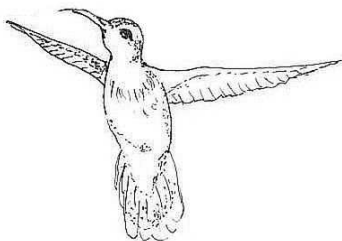
*É natural, compreensivo e humano  
Que o tempo passe e os sonhos nossos leve,  
No palco da ilusão descendo o pano  
E em nossa cabeleira pondo a neve...*

*Por isso o velho corpo, enfraquecido,  
Num turbilhão de sonhos, soterrado,  
Cansado de lutar, de ter sofrido,  
Num hospital, por fim, é internado.*

*É muito grave o seu estado, agora,  
Do seu leito de dor, quase sem vida,  
Vislumbra e sente a vida rir, lá fora,  
Num turbilhão de sonhos envolvida.*

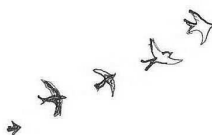
*Contudo, sonha! Sonha sempre! Sempre!  
Sonha sarar e realizar seu sonho...  
E que, jamais, em sua vida entre  
Um dia amargo assim e tão tristonho!...*

*E aquele homem, que sonhara tanto...  
Sonhara tanto quanto eu. Suponho...  
No seu leito de dor, calcando um pranto...  
Sonha, talvez, seu derradeiro sonho...*



*Janeiro de 1962.*

## **Volta andorinha**



*Volta, andorinha, às regiões primeiras  
A estas plagas que já foram tuas...  
Vem povoar de som as nossas ruas  
E chilrear, de novo, nas paineiras...*

*Vestido novo trouxe ao arvoredo  
A primavera linda! Deslumbrante!  
Se o povo sofre e já esperou bastante,  
Por quê não voltas? Tens acaso, medo?!*

*Aqui ninguém te odeia. Vem, te peço.  
Atende este pedido que te faço.  
Ressurge, novamente, em nosso espaço.  
Ensaia, desde já o teu regresso.*

*Quando cair a tarde em seu jazido,  
Dobrando a esquina azul dos horizontes,  
Quero te ver surgir por trás dos montes,  
Voltando, pois ao ninho teu antigo...*

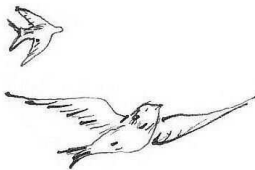
*E, nesse instante em que a natura chora  
E, tristemente, vai plangendo o sino  
No vasto céu azul e purpurino  
Quero te ver travessa como outrora*

*Cortando a solidão que anda lá em cima;  
Que vai da terra ao céu, ao infinito,  
Enquanto eu, daqui debaixo, aflito,  
Procurarei para os meus versos, rima.*

*E, os palmeirais hão de ficar contentes!  
Os bosques menos sós, menos tristonhos!  
Jardins despertarão, como de sonhos,  
P'ra te acolher, felizes, comoventes!...*

*E o povo, alegre, há de cantar nas ruas!  
Campinas toda ficará em festas,  
Pois, à cidade o nome teu emprestas,  
Delicadeza e amor sempre insinuas!*

*E, vibrarão os vates suas líras,  
Empoeiradas já, quase esquecidas,  
Serão do canto, novamente, erguidas:  
Cantando os versos que só tu inspiras.*



*Portanto, volta. Te suplico agora.  
Não vivas, andorinha, longe, ao léu...  
Vem adejar de novo, em nosso céu...  
Apaga o pranto que este povo chora...*

*A tarde está tão linda e já desmaia!  
A noite se entrevê, calma e serena!  
Vem respirar a brisa olente e amena,  
Nos braços da “Princesa Do Atibaia”.*

*Novembro de 1963.*



## **O preço do progresso**

*No coração do meu Brasil fecundo,  
Cresceu São Paulo, forte e poderoso,  
Se agigantando ante a visão do mundo  
Que deslumbrado o vê crescer famoso...*

*Seus cafezais, perdidos na distância,  
De orgulho enchiam o coração da gente,  
Que de viagem pelas rodovias,  
Vibrar sentia as emoções candentes.*

*Depois... a indústria surge, galopante...  
Empobrecido o solo e não refeito,  
Viu sucumbir no seio palpitante,  
O mundo de verdor, pobre e desfeito...*

*Agora, ao percorrer suas estradas,  
Tristonho vejo, a se perder de vista,  
Desnudas terras, pobres, desmatadas,  
Vítimas tristes de cruel conquista*

*Já não se vêem frondosos arvoredos,  
A darem abrigo ao animal selvagem  
Ou se curvando sobre os rios quedos,  
A respirarem sua olente aragem...*



*Minh' alma sente, então, a nostalgia  
Que se espalha, além, pela planura,  
Provindo, sempre, da monotonia  
Dos eucaliptais, ganhando altura.*

*Saudade sinto do torrão distante  
Da mata virgem que contorna os rios...  
Do campo aberto, belo e verdejante,  
A dar sustento aos zebus bravios...*

*Aqui a natureza geme e morre,  
Em holocausto ao engrandecimento  
De um Estado que subindo corre,  
Como uma estrela para o firmamento...*

*Eis, afinal, o preço do progresso:  
A natureza, mutilada, chora,  
Sem esperança de obter regresso  
Ao esplendor que desfrutara outrora!...*



*Março de 1962.*

## ***Suprema ventura***

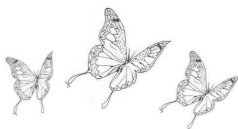
*(Ao colega e amigo Thomaz Alves Brown)*

*Somente quem viveu pisando arenas  
E padeceu, demais, para vencer,  
Sabe melhor a vida compreender,  
E na matéria divisar, apenas,*

*A silhueta de algo emocional,  
A comovê-lo e a despertar-lhe amor,  
Nele sentindo as mãos do Redentor  
A esculpturar sua obra divina!...*

*Só esse alguém tem coração, tem alma,  
Para querer a “deusa da natura”  
- Manancial de amor e de ternura –  
Que nossas emoções serena e acalma...*

*Como faz bem à gente ver a lua,  
A linda estrela d’alva, prefulgente,  
O sol a desmaiar-se no poente,  
Um barco a velas que no mar flutua...*



*Quanta beleza existe nas planuras!  
Na solidão estranha das florestas!  
No pipilar do passaredo, em festas!  
Na imensidão do céu, lá nas alturas!...*

*Amemos, pois, amigo, a natureza...  
Amai as praias de Copacabana...  
Eu sonharei, saudosos, o “Aquidauana”,  
Amando a solidão e a tristeza...*



*Março de 1961.*

## **Perigo**

*(Dedicado ao meu cão de caça)*

*Há quantos anos! Mais de trinta! Creio!  
Era pequeno o meu cão, o meu amigo...  
Com ironia o apelidei “Perigo”,  
Pois que a ninguém causava algum receio.*

*Era vermelho e tinha a boca preta.  
Oito quilos pesava, senão menos.  
Orelhas sempre em pé, olhos pequenos,  
Inteligente e vivo! Era um capeta!...*

*Aos quatro meses já adentrava as matas!  
Pelas campinas ia satisfeito!  
Era veloz e aquele porte e jeito!  
Diziam das virtudes nele inatas.*



*Aos oito meses era um cão de caça.  
Na mata se embrenhava e nos cerrados  
Corria a perseguir tatus, veados, ...  
Mostrando o seu valor, a sua raça.*



*Era valente o meu cão, o meu amigo!  
Tantas caçadas fez, tão grandiosas!...  
Lutas sem par, cruentas, perigosas!  
(Sem ironia), À altura de “Perigo”.*

*Passou-se em Campo Grande este relato.  
Depois subi a serra e na fronteira,  
Ponta Porã, ativa e hospitaleira,  
Palco seria deste novo fato.*

*Ali, me dediquei à pescaria.  
E, as águas,. transparentes, cristalina  
Descendo, velozmente, das colinas,  
Tornava o peixe arisco todo o dia.*



*Porém, à noite, (quase sempre fria),  
Dentro da mata solitária e escura,  
Profundas emoções nos assegura,  
Tornando-nos feliz a pescaria.*

*Quando, cansado já, com muito sono,  
Ao lado da fogueira me deitava,  
O corpo pelo chão se estatelava,  
Tomado de cansaço e de abandono...*

*À minha cabeceira, satisfeito,  
Vinha pousar “Perigo”, o companheiro,  
O guarda intemorato, quem primeiro,  
Rosnando impunha, no sertão, respeito.*

*Tamanhas foram suas aventuras,  
Cheias de audácia, intrepidez, coragem!...  
Jamais amor nutrindo à vadiagem.  
Amava, sim e muito, as travessuras...*

*Livre correr pelos sertões bravios...  
Vencendo os campos verdes, densas matas...  
Subindo no rochedo e nas cascatas...  
Banhos tomando, lépido, nos rios...*

*Um dia, porém, (com que tristeza o lembro),  
Dez horas da manhã, sol causticante!  
Longínquo céu azul! Brisa ululante!  
Manhã esplendorosa de setembro!...  
Buscamos, todos, numa sombra, abrigo,  
Cansados do retorno da jornada,  
Movendo a bicicleta a pedalada,  
Seguidos, como sempre, por “Perigo”.*



*Chegou cansado e as minhas mãos lambeu.  
Desceu, depois, ao córrego “São João”.  
Dali, jamais voltou meu pobre cão,  
Não sei se foi roubado ou se morreu...*

*Um mês após, num claro e lindo dia,  
Peguei a bicicleta, preparei- a ...  
Anzóis, caniços, iscas a mancheia,  
Boa lanterna num bernal se via.*

*Porém, faltava alguma coisa ainda!  
Algo tão simples, espontâneo e puro!  
Faltava nesse instante, eu lhe asseguro,  
Do cão amigo essa alegria infinda,*

*Pulando sobre mim, ganindo alegre,  
Correndo no quintal ou pela rua...  
Sonhando essa aventura que extenua,  
Mas, sôfrego a procura e louco a segue.*

*Sozinho estava eu! Sozinho e triste!  
Fui ao quintal... Depois, olhei na rua...  
Tudo vazio!... Solitária e nua,  
Uma saudade em seu lugar existe...*

*Parti contudo. Era mister fazê-lo.  
“Perigo” inexistia em minha vida,  
Que, agora, solitária e bem sofrida,  
Jamais teria sua guarda e zelo.  
Funda amargura sobre mim debruça,  
Quando me encontro solitário, ao léu,  
Às margens dum regato, vendo o céu,  
E a tarde moribunda que soluça!...*

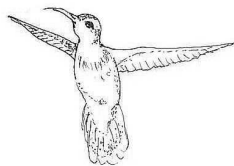


*Sua presença em minha mente mora,  
Latindo pela mata, pelos campos...  
No perpassar dos loiros pirilampos...  
Na carne que não como e atiro fora...*

*Em minha casa todo mundo o esquece.  
No coração, porém, do dono e amigo,  
Há de viver, eterno, o meu “Perigo”,  
Numa saudade que jamais fenece...*

*Setembro de 1961.*

## **Dias das mães**



*Unindo os corações e os pensamentos;  
E as emoções mais fundas, mais sentidas,  
Pousemos nossas almas, comovidas,  
Nas asas da saudade, solta aos ventos...*

*Por elas reveremos tempos idos,  
Os lindos tempos nossos, de criança,  
Perdidos na inocência e na lembrança  
De sonhos que se embalam, coloridos...*

*E sonharemos, outra vez, com fadas!  
Num mundo de bondade e de beleza,  
Desconhecendo o mal e essa rudeza  
Que andam pelo mundo de mãos dadas.*

*Teremos, novamente, qual um hino,  
A voz materna aconselhando o filho,  
Mostrando a ele a rota, o longo trilho,  
Capaz de o conduzir a bom destino.*

*Se o filho está febril, chora ou soluça;  
Se o martiriza a dor e o entristece,  
Um vulto de mulher logo aparece  
E, sobre o berço lívido debruça...*



*Se algum perigo o ronda, hei-la, afinal,  
Em guarda transformada, em sentinela...  
Que viva o filho amado e morra ela,  
No doce sacrifício maternal...*

*O amor de mãe medir não pode o filho,  
Sem antes conhecer a humanidade,  
O mundo de amargura e de maldade,  
Que buscam retirar do amor o brilho.*



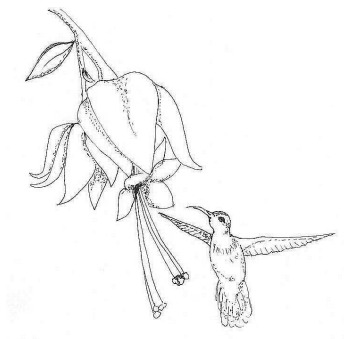
*Amai, crianças... Professai os cultos  
Do verde amor, tão cristalino e puro,  
À vossa mãe, deixando este maduro,  
Este sofrido amor, p'ra nós adultos.*

*P'ra nós que somos pais e bem distante  
Sabemos nossa mãe, triste e velhinha,  
Ou nem a temos mais, partiu sozinha,  
Chamando pelo filho, agonizante...*

*Deixai p'ra nós – repito – esta certeza  
De ser o amor materno o mais profundo,  
O mais sincero e puro amor do mundo,  
Aumenta em meio à dor e na tristeza!*

*Rezemos, em silêncio, neste instante,  
Pensando em nossa mãe, sempre querida...  
A mãe presente que nos guia a vida,  
A que morreu, ou mora, além distante...*

*Que o mundo se ajoelhe neste dia!  
Os ódios se desfaçam como espumas!  
O céu desanuvie... Caiam as brumas!  
Voltando a imperar paz e harmonia...*



*Maio de 1963.*



## **O Autor**

*Antonio Lycério Pompeo de Barros é natural de Cuiabá (MT), nascido em 20 de julho de 1922.*

*Ainda no Liceu Cuiabano, nos idos de 1936, começou a desenvolver seus pendores para a literatura, ao descrever passeios, pique-niques e pequenas caçadas, dentre estas “Minha primeira caçada”, revista e ampliada posteriormente. Publicou em Ponta-Porã, em 1946, seu primeiro soneto, intitulado “ Ainda perguntas se te amo?”, constante deste livro.*

*Viveu fora de Cuiabá, como funcionário do Banco do Brasil, em cidades deste Estado, São Paulo e Brasília, onde se aposentou em 1972, como gerente da Agência do Congresso Nacional.*

*Contraiu matrimônio em 1942, com Célia Dorilêo de Pina, de cuja união nasceram Anésia (doutora em*

*Arquitetura e Professora da Universidade de São Paulo, com livros publicados); Tércio (Geólogo com especialização na França); Sueli (Professora de Matemática em Brasília); Edir (Doutora em Antropologia Social e professora da Universidade Federal de Mato Grosso, com vários livros publicados) e Waldir (fotógrafo profissional e cineasta premiado internacionalmente).*

*Fixou residência em Cuiabá, a partir de 1991.*

*“Devaneios (Versos & Prosas)” é sua primeira obra literária.*